



Ano 4 | # 2 | edição semestral | dezembro de 2012

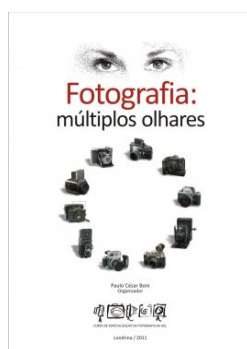
Revista editada pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom

Os múltiplos olhares da fotografia

BONI, Paulo César (Org.). **Fotografia: Múltiplos Olhares**. Londrina: Midiograf, 2011. 330 p. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/fotografia/wp-content/uploads/Fotografia-Multiplos-Olhares.pdf>>.

ISSN: 978-85-60591-59-6

Patrícia Alves Manzan¹



Com o princípio de registrar o mundo através da base visual, a fotografia tem desempenhado, desde sua criação, fundamental papel nas relações humanas. Acompanhando sua metamorfose advinda da evolução de equipamentos, técnicas e do próprio fotógrafo em si, podemos observar com clareza a manifestação de diversas faces ainda não exploradas e analisadas conceitualmente. Considerando a fotografia como um

¹ Aluna do curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda pela Universidade de Uberaba.

campo da ciência da comunicação ainda insipiente, e com o objetivo de aprofundar seus significados e processos e ampliar seus horizontes de ensino, começou em 1997 as atividades do Curso de Especialização em Fotografia: Práxis e Discurso Fotográfico na Universidade Estadual de Londrina, o pioneiro no Brasil, que em comemoração aos seus 15 anos, lançou o seu terceiro livro, *Fotografia: Múltiplos Olhares* (Midiograf, 2011), que analisa e oferece uma extensão de significados a respeito deste vasto e até então desconhecido campo de pesquisa.

Organizado pelo também autor e pesquisador Prof. Dr. Paulo César Boni, o livro reúne ao longo de suas 330 páginas e 14 capítulos, textos de autoria de alunos ou ex-alunos do

curso, em conjunto com orientadores de diferentes áreas do conhecimento, incluindo contribuições externas. Envolvendo categorias como “fotojornalismo”, “imprensa”, “iconografia”, “iconologia”, “diversidade”, “etnografia”, “semiótica”, “percepção” e “estereótipo”, o livro é um convite para desvendar o universo da comunicação visual, desde a intenção do fotógrafo, passando pelo registro fotográfico, pelo produto final, até seus usos, interpretações e seu reflexo na relação entre indivíduo e espaço.

Os autores procuram analisar durante toda a obra, a diversidade de vertentes da fotografia: funcional, social e histórica, através de sólidas bases teóricas e adentrando o cenário prático.

Propõe inicialmente, uma análise feita do produto final para trás, ou seja, da fotografia para o fotógrafo, - metodologia defendida por Boni em sua tese de doutorado na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) – onde foram analisadas por ele em conjunto com Fernanda Bressan, as imagens do latrocínio de Isabella Garcia Lopes, uma publicada na Folha de Londrina e a outra no Jornal de Londrina, também por Anderson Coelho e Anna Letícia de Carvalho, as narrativas feitas no blog *Big Picture* sobre os terremotos no Haiti e no Japão. Observando as técnicas e ângulos usados, além de elementos de significação da linguagem fotográfica, os autores se aproximam da intenção dos fotógrafos no momento do clic. Para tanto, pretendiam mostrar que a fotografia tem o poder conduzir o olhar do receptor para que este compartilhe da mesma opinião que o emissor.

Como forma de observar a relação do indivíduo com o espaço, juntos, os autores oferecerem neste livro um amplo referencial, que une estudos antropológicos, midiáticos e semióticos. Para tanto, foram apresentados por Natalia Bula e Milena Kanashiro, estudos sobre a “Maratona Fotográfica Clic o Seu Amor por Londrina”, onde algumas das fotos vencedoras foram tipificadas entre os cinco elementos formadores da imagem da cidade e suas três qualidades espaciais, revelando imagens produzidas individualmente, mas repletas de signos que em comum, originam a imagem coletiva. As autoras chamam a atenção para a relevância deste tipo de concurso, que contribui para a documentação histórica da cidade, colecionando transformações que constituem uma identidade da paisagem urbana.

Fotografar também é uma arte, que permite que o até então artista, o fotógrafo, evidencie suas emoções, críticas e reflexões por meio desta atividade. Partindo do

princípio de expressar sentimentos através de imagens, Mariana Lopes e Michelli Vasconcellos relataram sua pesquisa participante a respeito de oficinas de fotografia e leitura de espaços no Colégio Estadual Ana Molina Garcia, na periferia de Londrina. Na prática, para elas, os alunos desenvolveram uma consciência crítica sobre o espaço em que viviam, fotografando carências que segundo eles devem ser restituídas e refletindo no que eles próprios poderiam agir e mudar em sua comunidade. Também registraram aspectos agradáveis e bonitos com relação ao ambiente em que viviam, com o objetivo de minimizar estereótipos. Essa relação também foi observada por Júlia Ferreira e Boni, que analisaram o projeto Viva Favela, criado em detrimento das representações midiáticas estigmatizadas, onde através de uma alfabetização visual, os moradores da favela, aqueles considerados “outros”, se auto-representavam, expondo sua realidade, dentre aspectos bons e ruins. Com isso, Ferreira e Boni, acreditam haver uma mudança individual de autoafirmação, como também na visão dos chamados moradores do asfalto.

Ainda tratando desta relação sujeito ambiente, Maria Luisa Hoffman apresenta a fotografia aliada à história oral, onde se apresentam fotos para se obter micro-relatos de fontes primárias - daqueles que participaram da época fotografada – como forma de recuperar e preservar a memória de determinado lugar. Hoffman confirma através de duas entrevistas com perguntas instigantes, que a fotografia auxilia na lembrança dos acontecimentos, por parte dos entrevistados que os vivenciaram e que tais narrativas enriquecem a história local. Letícia Pinheiro e Boni também observaram esses aspectos, quando realizaram entrevistas preliminares e posteriormente contaram com fotos, também com fontes primárias diversas, para recuperar a história dos desfiles de aniversário do município de Santa Mercedes. Destacando a existência da fotografia como documento histórico.

Anderson Ferreira e Katharine Silva traçam um comparativo dos antigos álbuns de família com os álbuns digitais. Para eles, as mesmas situações socialmente aprovadas como amigos, família, escola e viagens continuam presentes no espaço virtual, apenas houve um aumento destas situações fotografáveis, em detrimento das facilidades advindas da evolução tecnológica, que com a internet, também permite um acesso maior a estes álbuns que antes eram intimistas. Os indivíduos ainda manifestam o desejo de se fazer representar pela fotografia e alcançar a sua identidade através do olhar do outro.

Nos cemitérios a situação não é diferente, como aborda Letícia de Jesus e Alamir Corrêa, onde as fotos têm além do objetivo de representar, o de perpetuar a imagem de um indivíduo, em um simbolismo que agrega valores ao falecido, entendido por De Jesus e Corrêa como uma intenção de recuperar e eternizar a memória deste.

O fotojornalismo também foi tema imperante na obra organizada por Boni. Juliana Daibert e Ana Lúcia Rodrigues refletiram sobre as diferentes narrativas de criminalidade representadas por fotos, onde os elementos de significação unidos ao discurso criminalizam a pobreza e privilegiam as classes mais favorecidas socialmente. Daibert e Rodrigues sugerem a atribuição de sentidos para a construção das mensagens noticiadas, ao analisar quatro fotos do Diário do Norte do Paraná, estes sentidos, segundo eles, são formados pelos signos que impedem novos sentidos porque estes já estão enraizados no imaginário popular. Exaltando assim, a importância da mídia na construção da opinião pública. Também neste segmento, Fabiana Alves examina a cobertura da Veja sobre a implantação do AI-5, onde verifica a postura dos personagens que cercavam o decreto, em fotos de cenas com ampla iconografia, que permitiram conduzir a interpretação que eles desejavam. São fotos que ao longo da narrativa proposta pela revista, parecem conversar com o receptor. Alves aponta com riqueza de detalhes, o que acredita ter sido a intenção da Veja em tal cobertura.

Uma fotografia ser autoria única e de total individualidade é um paradigma que Rodolpho Neto quebra, ao apresentar a proposta inovadora dos coletivos fotográficos. Um grupo é sempre mais forte do que um. Este é o princípio básico daqueles que unem particularidades e dividem a criação das imagens. Rodolpho Neto aborda estes coletivos e seus ensaios fotográficos como um jornalismo mais apurado e pensado, onde se encontra visivelmente a interferência do fotógrafo.

Boni escolhe para finalizar o seu repertório o texto de Maria del Carmen Lacruz e Katiusa Stumpf, que elaboram um processo de leitura e análise documental das imagens. Na sociedade essencialmente imagética na qual estamos submersos atualmente, esta análise encontra ímpar relevância, uma vez que sugere a organização de imagens analisadas intelectualmente quanto a seu conteúdo e propõe sua indexação e armazenamento. Anexo ao artigo deixam um exemplo por elas analisado, da foto de Lula cumprimentando o povo brasileiro.

Hoje, com mais de 40 cursos de especialização em fotografia no Brasil, é oportuno que na ocasião da comemoração de seus 15 anos, o pioneiro no país lance seus olhares e descobertas sobre o campo da fotografia, que aliás, são múltiplos. Durante todo o conteúdo há a clara manifestação por parte dos autores de desvelar de forma abrangente o universo da “escrita com a luz” e educar o leitor para uma autonomia de interpretação da comunicação visual. Quem passa por uma obra como esta, não mais analisa uma imagem com olhar leviano, o que permite ampliar o debate sobre a base visual nos tempos da sociedade da imagem.

A obra está disponível nas versões impressa e digital. O arquivo em PDF pode ser acessado gratuitamente no endereço: <http://www.uel.br/pos/fotografia/wp-content/uploads/Fotografia-Multiplos-Olhares.pdf>